

ASAMPANA deslizava sem ruído pelo rio tropical, pontilhado de lírios, no interior da Tailândia. Junto de mim estava sentada uma mulherzinha quase nanica— não devia pesar nem 45 quilos nem ter mais de um metro e meio de altura—que era a mãe adotiva de 689 crianças. Minha companheira era a Dr.^a Pierra Vejjabul, por todos os títulos uma das mulheres mais notáveis do mundo.

Para ser a primeira mulher da Tailândia a formar-se em Medicina, ela travou uma batalha que teria feito fraquejar um espírito de menor envergadura. Sua vida tem sido uma luta contínua: contra a prostituição legalizada, contra o casamento polígamo, contra as doenças venéreas que assolam o seu bonito país.

Por tôda a parte na sua displicente Tailândia ela via a tragédia da ilegitimidade—crianças sem amor, destinadas a retribuir mais tarde hostilidade com hostilidade. Se ninguém mais queria êsses infelizes órfãos, ela os aceitaria. O primeiro que adotou está agora terminando o seu curso de Medicina em Paris. Outros es-

A pequenina mulher que usou o coração para mudar a mentalidade de sua pátria

J. D. RATCLIFF

Condensado de "Christian Herald"

Médica nº 1 da Tailândia



tão em universidades da Austrália e da Tailândia; centenas completaram o curso ginásial.

Nesse dia, eu e a Dr.^a Pierra visitamos uma de suas iniciativas prediletas: um centro de reabilitação de prostitutas. Depois voltamos para Bancoc e sentamo-nos na varanda desconjuntada de sua casa amarela, de estuque. As venezianas verdes estavam desbotadas, a pintura descascando; o jardim era uma selva de ervas daninhas, sombreado por mangueiras. Era o lar de 80 crianças, a mais moça com duas semanas de vida, a mais velha, uma bonita menina de 17 anos, que estará no próximo ano cursando a universidade.

A Dr.^a Pierra adivinhou o que eu estava pensando. Seu rosto moreno e seus olhos escuros se abriram num sorriso.

—Não está bonito, não é?—disse ela.—Mas eu preciso de todo o dinheiro que arranjo para alimentar, vestir e educar estas crianças. Há coisas mais importantes do que pintura e flôres.

Ela nasceu em 1909, recebendo o nome de Pierra Hoon, filha única da terceira esposa de um abastado negociante de teca. Foi

educada por freiras francesas. Quando tinha 15 anos, sua mãe adoeceu gravemente e não parecia melhor com

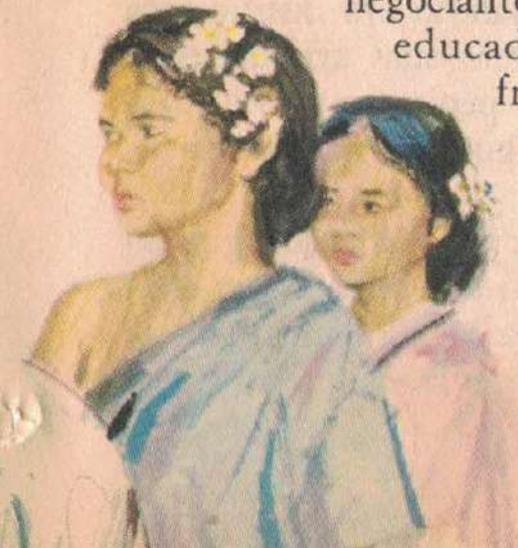
as ervas e encantações de um médico da Tailândia. Como último recurso, foi chamado um médico do Instituto Pasteur, que por acaso se encontrava em Bancoc. Em poucos instantes êle fêz um diagnóstico e receitou um tratamento. A doente restabeleceu-se rapidamente.

Se a Medicina Científica era capaz de produzir milagres dessa natureza, decidiu Pierra, ela se tornaria médica. Sabia, naturalmente, que a Tailândia—que na época se chamava Sião—nunca tivera uma mulher médica. Mesmo as moças mais felizes não recebiam instrução alguma depois dos 16 anos, quando eram casadas com maridos escolhidos pelos pais.

Aos 16 anos, Pierra comunicou seus planos ao pai. Houve a inevitável explosão. Já fôra escolhido um marido para ela, e não se falava mais nisso, declarou êle.

Um dia Pierra soube que uma colega de escola, pertencente à família real da Tailândia, ia fazer uma viagem de três meses pela Europa em companhia dos pais. A menina disse a Pierra que tinha horror à governanta que iria acompanhar a família para tomar conta de seu irmão mais moço.

Pierra viu aí a sua oportunidade. Poderia *ela* conseguir o emprêgo? As duas conspiradoras juvenis se puseram a agir, e no fim conseguiram o consentimento dos pais. Quando a família de sua companheira voltou para a Tailândia, Pierra ficou em Paris, conforme planejara.



Começou então para a môça, sem dinheiro e sem amigos, uma luta que parecia interminável. Seu francês era deficiente, suas aptidões quase nulas para qualquer espécie de trabalho. Levou cinco anos para completar o curso vestibular, depois ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de Paris. Aí lavou chão, lavou pratos, fêz a limpeza de quartos de estudantes—aceitava qualquer serviço que lhe rendesse alguns preciosos francos. Receosa de que o pai a descobrisse e forçasse a sua volta para o Sião, ela evitava qualquer contato com os seus compatriotas. A vida era dura e solitária. Mas em 1936 ela se tornou a Dr.^a Pierra Hoon, e afinal voltou para sua terra.

Achava que não seria difícil obter uma nomeação para a Faculdade de Medicina de Siriraj. Não foi o que aconteceu: a hostilidade em relação às mulheres médicas continuava a mesma de sempre. Procurou então o Serviço de Saúde Pública. As autoridades dêsse serviço resolveram livrar-se de uma vez por tôdas daquela mulherzinha impertinente: ofereceram-lhe um emprêgo na única clínica de doenças venéreas do país, com um ordenado equivalente a 18 dólares por semana. A Dr.^a Pierra aceitou jubilosa.

Um espetáculo sinistro a esperava: crianças cegas pela loucura dos pais, um desfile aparentemente interminável de homens e mulheres inválidos ou mentalmente perturbados pela sífilis. Outros médicos aceita-

vam tudo isso como ordem natural das coisas em seu país; a recém-chegada, não.

A Dr.^a Pierra chegou à conclusão de que as doenças venéreas no Sião tinham de ser atacadas na fonte. Uma prostituta podia ser responsável por centenas de casos de doenças venéreas, e havia 10 000 prostitutas licenciadas só em Bancoc. Se as môças não se dispunham a procurar o ambulatório quando a doença estava na fase inicial, curável, passaria ela a procurá-las.

Armada apenas de uma pequena sacola preta, com remédios, a Dr.^a Pierra encaminhou-se para um dos bordéis mais conhecidos de Bancoc. O proprietário pô-la na rua. Aconteceu mais ou menos a mesma coisa no segundo, terceiro, quarto e quinto bordel que procurou. Qualquer pessoa desistiria. Mas a Dr.^a Pierra entrou num sexto bordel e começou a falar depressa. Uma casa sem doenças não faria mais negócio? O proprietário concordou. Ela podia ficar.

Assim começou a campanha. Para torná-la mais rápida, a Dr.^a Pierra instalou uma clínica própria, com tratamento a preços acessíveis até aos mais pobres. Não tardou a descobrir que seu salário era insuficiente para financiar as suas atividades, e instalou um pequeno consultório particular de ginecologia e obstetrícia.

Um dia, em 1938, foi entregue no seu consultório um bilhete sem assinatura. Poderia ela encontrar-se com quem escrevia, às quatro horas

da tarde, numa certa esquina? Havia um tom de súplica tão desesperada no bilhete, que a Dr.^a Pierra resolveu comparecer ao encontro. Chegou 20 minutos atrasada e não encontrou ninguém na esquina. Mas, 10 minutos depois, precipitou-se para ela uma môça, que desenrolou uma história conhecida: estava grávida e o rapaz não queria casar-se com ela. Tinha esperança de que a Dr.^a Pierra fizesse um abôrto. Como a doutôra não aparecera às quatro horas da tarde, a môça tomara veneno. Agora queria viver. A Dr.^a Pierra levou-a para o hospital a tôda pressa, mas era tarde demais: a môça morreu.

Algumas semanas depois, outra môça pediu para fazer um abôrto. A Dr.^a Pierra explicou que nenhum médico respeitável se prestaria a fazer tal trabalho. Mas, se a môça era repelida pela família, por que não ia morar com a Dr.^a Pierra e esperar o bebê na sua casa? A Dr.^a Pierra o adotaria legalmente, e a criança passaria então a ter um nome, o nome da Dr.^a Pierra Hoon. A môça aceitou reconhecida.

Discretamente correu a notícia de que havia quem estendesse uma mão amiga a môças que até então sempre tinham enfrentado o ostracismo. As môças que esperavam filhos recebiam a melhor instrução possível sôbre cuidados e nutrição dos bebês . . . ajudando outras. Dentro de pouco tempo, a velha casa maltratada transbordava de pequenos Hoon.

Furioso, o pai da Dr.^a Pierra mandou chamá-la. Não bastava que ela tivesse maculado o nome da família fugindo de casa? Pretendia dar o nome honrado da família a tôda criança ilegítima do país? A Dr.^a Pierra achou que o pai tinha razão. Solucionou o problema mudando o seu próprio nome para Pierra Vejjabul.

Começaram a chegar pequeninos Vejjabul na média de um por quinzena. Era preciso arranjar um meio de fazer sair algumas das crianças para dar lugar a outras. Usando tôda a sua capacidade de persuasão, a Dr.^a Pierra conseguiu convencer pais e mães solteiros a visitarem os filhos. Muitos o fizeram—e deixaram falar o coração. Houve môças que readotaram os próprios filhos. Dezenas de pais relutantes chegaram à conclusão de que a vida com a criança e a mãe não seria afinal tão ruim. A Dr.^a Pierra já perdeu a conta do número de casamentos que se realizaram.

O dinheiro é um problema sempre atual; a conta bancária da Dr.^a Pierra está sempre oscilando perigosamente nas proximidades do zero. Os 18 milhões de cruzeiros anuais necessários para sustentar a sua família consomem tôda a renda de sua clínica particular, mais o salário do serviço de saúde. Donativos de simpatizantes da causa ajudam a cobrir o deficit.

Há 25 anos ela vem pressionando o govêrno não só para tratar as prostitutas contra doenças venéreas, mas também para reabilitá-las. E não

conviria também acabar com a prostituição legalizada? Lentamente começaram a mudar costumes seculares, e em 1961 chegou a um termo a prostituição legalizada.

A Dr.^a Pierra elaborou então um plano para evitar que as prostitutas voltassem à sua antiga profissão. Como eram em geral môças do campo, analfabetas, que não conheciam outra maneira de ganhar a vida na cidade, era preciso ensinar-lhes um ofício e alfabetizá-las. Relutantes as autoridades concederam verbas para tentar pôr em prática a idéia.

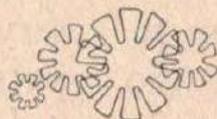
Visitei o primeiro desses centros de reabilitação. As 270 môças que lá se encontram dedicam metade do dia a trabalhos braçais, como o de aterrar terrenos cultiváveis para elevar-lhes o nível e evitar enchentes. O resto do dia elas passam em aulas, aprendendo a ler e escrever e aperfeiçoando-se em ofícios variados. Quando o produto de seu trabalho é vendido, a môça tem direito a 70% do lucro, para constituir um fundo destinado a ampará-la quando sair da instituição. As estatísticas mais acuradas indicam que em cada grupo de 20 môças só uma volta à prostituição.

As portas das faculdades de Medicina, outrora herméticamente fechadas às mulheres na Tailândia, foram

arrombadas pela Dr.^a Pierra. Há hoje 600 médicas na Tailândia e mais 200 môças estudando Medicina. Um país que já foi hostil às suas idéias sobre amparo às crianças ilegítimas hoje lhes dá entusiástico apoio.

Há pouco tempo foi concluída uma bonita nova creche para a Fundação Pierra de Amparo à Maternidade e à Infância, montando a 35 000 dólares as contribuições de amigos e do Govêrno da Tailândia para a sua construção. Dentro de pouco tempo será derrubada a velha e precária casa amarela de estuque.

O mundo tem glorificado a Dr. Pierra por uma vida dedicada às lutas desprezadas pelos outros. A França conferiu-lhe a Legião de Honra; a Tailândia conferiu-lhe a Suprema Ordem do Elefante Branco; os Estados Unidos, a Medalha de Espírito de Realização da Faculdade de Medicina Albert Einstein. Apesar dessas honrarias, o grande dia da vida da Dr.^a Pierra ocorre todos os anos a 1.^o de janeiro, que na Tailândia é a data tradicional em que os jovens visitam seus pais e avós. Dezenas de seus filhos voltam carregados de presentes, numa tocante homenagem àquela mulher pequenina que lhes deu sua oportunidade de viver uma vida condigna.



UM ARTISTA moderno fêz um rendoso arranjo com um psiquiatra. Se um freguês está tão mal a ponto de querer uma de suas pinturas, êle o encaminha ao seu analista e . . . dividem o preço das consultas.

—Fletcher Knebel, Register and Tribune Syndicate